

# Educação no Contexto das Guerras Culturais

## Education in the Context of Culture Wars

Maria Izabel Mauricio da Silva

*Atua como Psicóloga autônoma, é graduada em Psicologia pela Faculdade Pitágoras de Linhares/ES e mestranda em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) - Campus Vitória/ES. Email: mariaizabelmauricios@gmail.com.*

Rodrigo Ferreira Rodrigues

*Atua como Professor da Educação Básica, Técnica e Tecnológica no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) - Campus Cariacica. Possui graduação em Filosofia pela Faculdade Associadas do Ipiranga - São Paulo, em Letras pela Faculdade Interlagos - São Paulo e em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho - São Paulo. É especialista em Mídias em Educação e Planejamento, Implementação e Gestão de Ead pela UFF, mestre em Educação: Currículo pela PUC/SP; doutor em Educação pela UFES e possui Pós doutorado em Educação pela UFES. Email: rodrigo.rodrigues@ifes.edu.br*

Diemerson da Costa Sacchetto

*Atua como Diretor Geral e Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) - Campus Vila Velha. Possui graduação em Psicologia e Direito pela UFES; graduação em Filosofia pela UFJF e MBA em Gestão Escolar pela USP. É especialista em Filosofia e Psicanálise; especialista em Educação de Jovens e Adultos; especialista em Gestão de Políticas Públicas; mestre em História Social e Política pela UFES, doutor em Psicologia pela UFES e possui pós doutorado pela UFES. Email: diemersons@ifes.edu.br*

### Resumo

*As fake news surgem como manifestações de outro fenômeno as pós-verdade, e têm impactado a realidade Brasileira recente, impulsionadas sobretudo pela polarização política sem precedente vividas nas últimas eleições. A direita conservadora encontrou nestes fenômenos as ferramentas necessárias para travar suas guerras culturais contra ideias de cunho progressistas, substituindo verdades factuais, por notícias factoides que visam reforçar ideias já pré-concebidos pelo seu público alvo. Os efeitos reverberam na educação, onde negação de conhecimentos científicos tornassem uma barreira ao aprendizado, e própria constituição identitária dos alunos é posta em xeque na cultura de hostilidade ao pensamento divergente. Sendo assim, este artigo tem como objetivo discorrer a respeito dos conceitos fake news e pós verdades, nos âmbitos das chamadas guerras culturais, e seus impactos na educação Brasileira.*

### Palavras-Chave

*Fake News, Pós Verdades, Guerras Culturais, Educação, Extrema Direita.*

### Abstract

*Fake News emerge as manifestations of another phenomenon, the post-truths, and have impacted the recent Brazilian reality, and mainly driven by the unprecedented political polarization experienced in the last elections. The right-wing found in these phenomena the necessary tools to wage their cultural wars against progressive ideas, replacing factual truths with factoid news that aim to reinforce ideas already preconceived by their target audience. The effects reverberate in education, where denial of scientific knowledge becomes a barrier to learning, and students' own identity constitution is challenged in the culture of hostility to divergent thinking. Thus, this article aims to discuss the concepts of fake news and post-truths, within the scope of the so-called cultural wars, and their impacts on Brazilian education.*

### Keys-words

*Fake News, Post-Truths, Cultural Wars, Education, Extreme Right.*

## Introdução

O rápido desenvolvimento da internet e facilitação do acesso aos meios de comunicação digital contribuíram para a proliferação de um fenômeno relativamente novo: as *fake news*. Embora notícias falsas não sejam um fenômeno exatamente novo ou original de nossa época, no contexto das redes sociais, elas passam a ganhar nova dinâmica, intensificando-se na realidade brasileira, sobretudo a partir de 2018, com a polarização política promovida pelas eleições (MACHADO, 2021).

As facilidades oportunizadas por essa nova dinâmica da realidade social com base em ambientes e redes virtuais, permitem a rápida difusão de notícias falsas, que se proliferam por meio de uma produção de fácil e baixo custo, que alcançam milhões de pessoas em qualquer lugar do mundo e a qualquer momento, podendo desencadear assim, processos que atingem desde as esferas políticas, até as educacionais e familiares (SILVA, 2021).

Liu; Shu; Sliva; Tang e Wang (2017) afirmam que, embora o conceito das chamadas *fake news* ainda cause divergências no meio acadêmico, a conceituação que mais tem sido adotada nos estudos recentes é o de *fake news* como “artigos de notícias que são intencionalmente e comprovadamente falsos e que podem enganar os leitores” (Liu; Shu; Sliva; Tang; Wang, 2017, p.2). Os autores explicam que essa definição possui duas características fundamentais, a primeira refere-se ao fato de possuírem informações que podem ser comprovadamente verificadas como falsas, e segunda se relaciona à intenção desonesta de terem sido criadas para enganar quem as consome.

Tais *fake news*, segundo Cardoso (2019) estabelecem-se como a manifestação da pós-verdade, que por sua vez se conecta a circunstâncias nas quais os indivíduos substituem fatos e evidências por crenças e emoções pessoais, dessa forma, a verdade factual não possui valor e sim aquilo que os indivíduos querem acreditar. Na era da pós verdade “os fatos e evidências foram substituídos por crenças e emoções pessoais, a natureza das notícias e o que as pessoas aceitam como notícias também estão mudando para uma crença e um mercado baseado em emoções” (CARDOSO, 2019, p.17).

Os fenômenos da *fake news* e da pós-verdade, além de estarem intimamente vinculados ao negacionismo científico, também se relacionam a um paradigma de intolerância das minorias sociais e com táticas para implementação do caos, como forma de manipular a opinião social e trazer à tona estratégias populistas contra seus adversários nas chamadas guerras culturais (BIANCHINI, 2020). Sabe-se que, embora tal estratégia possa ser utilizada por diferentes espectros partidários e ideológicos, ela tem encontrado maior legitimidade nos candidatos de extrema-direita, como Donald Trump nos EUA, Marine Le Pén na França, Victor Orbán na Hungria e Jair Bolsonaro no Brasil (BERNARDI, 2021).

Na esteira dessa compreensão, este artigo pretende refletir sobre os fenômenos da pós-verdade e *fake news* de cunho político-social no decorrer do final do século XX e início do século XXI, que pontuam como estratégia de manipulação da extrema direita nas guerras culturais, sobretudo as que se estabelecem em território brasileiro, demonstrando suas consequências ao âmbito educacional.

## Guerras Culturais

As chamadas Guerras Culturais dentro da conjuntura histórica brasileira, desenvolveu-se a partir de um contexto de polarizações morais e refere-se a uma forma de disputa política que enfatiza temas de cunho moral, movimentos minoritários, ideais conservadores e

religiosos, populismo e polarização social promovida por meio de veículos de comunicações principalmente digitais. Sua forma de debate consiste em uma disputa moral que visa atacar aqueles que trazem argumentos diferentes, desqualificando de antemão qualquer discurso que possa vir a ser do campo contrário e enxergando quem pertence a esse “outro campo” como um inimigo que precisa ser combatido (MELO; VAZ, 2021).

É verdade que a história das guerras culturais se refere a história da reação às mudanças morais que se estabeleceram nas leis e nas instituições responsáveis pela formação do indivíduo, tais como os meios de comunicações, escolas e universidades (MELO; VAZ, 2021). O autor Allan Bloom em 1987 afirma ser a educação superior dos Estados Unidos responsável pelo empobrecimento do espírito americano. No seu livro *“The closing of the American mind: How higher education has failed democracy and impoverished the souls of today’s students”* (O Fechamento da Mente Americana: Como a Educação Superior Americana Falhou com a Democracia e Empobreceu as Almas do Estudantes de Hoje), Bloom culpabiliza sobretudo a hegemonia progressista na Educação, de colaborar para a degradação do jovem e o abandono dos valores familiares, religiosos, patrióticos e de classe. Bloom explica:

Em começos da década de 60, eu estava convencido de que se tornava imprescindível uma educação liberal que desse aos jovens os meios para analisar sua vida e seu potencial. Era aquilo que as universidades não tinham condição e nem vontade de oferecer. A irrequieta e volúvel energia dos estudantes acabou por encontrar extravasão política. Em meados da década de 60, as universidades já lhes ofereciam todas as concessões, menos educação, mas a conciliação fracassou e todo esforço, visando a qualidade do ensino desapareceu, sem deixar traços. As várias libertações dissiparam aquela energia e aquela tensão maravilhosa, deixando exausto e morno o ânimo dos estudantes, capazes de calcular, mas não de um vislumbre apaixonado. (BLOOM, 1989, p.62).

Mais tarde, James Davison Hunter (1991), lança o livro *“Culture wars: The struggle to define America”* (Guerras culturais: a luta para definir a América). Considerado um marco na definição e disseminação contemporânea das guerras culturais, Hunter trabalha temas de grande relevância dos últimos tempos, como família, arte, educação, lei e política, bem como explica sobre o termo:

Eu defino conflito cultural muito simplesmente como hostilidade política e social enraizada em diferentes sistemas de compreensão moral. O fim para cada uma destas hostilidades tende a ser a dominação de um ethos moral e cultural sobre todos os outros. (HUNTER, 1991, p.42).

Gallego; Ortellado e Moretto (2017) explicam que para Hunter, as chamadas “guerras culturais” demonstram o início de um processo pelo qual temas como o direito das minorias, a luta pela legalização do aborto, controle do porte de arma passaram a alcançar projeção nas discussões políticas americanas ao fim da década de 80, criando conflitos entre os “conservadores” e progressistas. Dessa forma, os conservadores, se caracterizavam por um compromisso com uma espécie de essência moral externa definida e transcendente, enquanto os progressistas se definiam pelo espírito da era moderna, do racionalismo e subjetivismo.

De acordo com Rocha (2021), a compreensão de ambos autores (BLOOM, 1987 e HUNTER, 1991) influenciaram significativamente a ascensão da direita conservadora e da extrema direita mundial a partir da década de 1990, principalmente nos EUA, uma vez que, ambas se complementavam. A relativização das ideias de família, educação, arte, educação, lei e política eram extremamente desprezadas por Hunter (1991), e tal relativização, na perspectiva de Bloom (1987), estaria sendo orquestrada por meio do ensino superior. Essas influências, contudo, foram tão relevantes que em 1992, ano seguinte à publicação de Hunter,

Pat Buchanan, que disputou as primárias do Partido Republicano contra George Bush, proclamou na convenção do partido, um discurso chamado “*Cultural War*” (Guerra Cultural), propondo pautas que prometiam proteger uma chamada “essência” americana, em cujo roteiro atacavam minorias, a legalização do aborto e a imigração.

Embora tenha sido derrotado nas primárias do Partido Republicano para George Bush, o legado levantado por Pat Buchanan continuou existindo e mais tarde suas ideias foram incorporadas por Donald Trump nas eleições de 2016, inclusive o lema símbolo da campanha de Buchanan: “*Make America first again*” (Faça a América a primeira novamente), que foi ajustado por Trump, com intuito de se manter fiel a lógica meritocrática liberal, para: “*Make America great again*” (faça a América grande novamente) (ROCHA, 2021).

Em sua campanha eleitoral de 2016, Trump reafirma diversas ideias já propagadas por Buchanan, afirmando defender valores tradicionais cristãos e conservadores da sociedade norte-americana, entretanto, o novo candidato do Partido Republicano, com o surgimento dos meios de comunicação virtuais, utiliza uma estratégia que passa a ser amplamente empregada pelos partidos políticos da extrema direita em todo o mundo, as chamadas *fakes news* de cunho político social (BERNARDI, 2021).

A expressão “*fake news*” ganhou destaque e passou a ser reconhecida mundialmente a partir das eleições presidenciais estadunidenses entre Donald Trump e Hillary Clinton, do Partido Democrata (PD), período no qual a campanha de Trump foi amplamente acusada de criar e disseminar notícias falsas para prejudicar a imagem de sua adversária e assim angariar votos (SILVA, 2020).

Durante o período eleitoral, os trumpistas compartilharam excessivamente diversas *fake news* sobre a então candidata a presidente e oponente de Trump, Hillary Clinton. O principal boato que caracterizava tais notícias falsas, relacionavam a candidata e seu assessor de campanha, John Podesta, com tráfico e abuso sexual infantil. Mais tarde, um relatório de investigação da Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos concluiu que tais *fakes news* tinham por objetivo fazer a sociedade americana desacreditar do processo democrático norte americano, difamar a imagem de Hillary Clinton e prejudicar sua possível elegibilidade (MACHADO, 2021).

No Brasil, de acordo com Machado (2021) o fenômeno das *fake news* também inicia sua trajetória em 2016, quando o conceito passa a ser usado academicamente de maneira efetiva, influenciado pelas eleições estadunidenses, semanas antes do *Impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), quando começaram a ser compartilhadas notícias falsas. De acordo com o Grupo de pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação da Universidade de São Paulo (USP), três em cada cinco notícias compartilhadas no Facebook sobre a Rousseff, eram falsas.

Os três boatos que caracterizavam as notícias falsas mais compartilhadas na semana que antecedeu o *Impeachment* de Dilma Rousseff, sem relacionavam a ideia de que a então Presidenta estaria sendo investigada pela Polícia Federal por doar R\$ 30 bilhões a Friboi; que o Presidente Regional do PDT teria dado ordens para que a militância pró-Dilma fosse armada no domingo de votação do *Impeachment* para atirar nos parlamentares; e que o Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva teria deixado Brasília às presas ao descobrir a nova fase da operação Lava Jato, sugerindo assim, a fuga de um possível mandato de prisão. O conjunto de desinformações de cunho político voltado exclusivamente ao governo Dilma e ao então Ex-Presidente Lula, contribuíram significativamente para desgastar ainda mais a imagem de Rousseff (LAVARDA, SANCHOTENE; SILVEIRA, 2017).

Nesse contexto de disseminação e popularização das *fake news* vinculadas pelos meios de comunicação sobretudo a partir de 2016, foram levantadas diversas discussões sobre como tais estratégias em processos eleitorais tem se apresentado como um dos maiores obstáculos

para a democracia em uma era digital, que seguiu abalando outros processos políticos ao redor do mundo, marcando sobretudo as eleições presidenciais brasileiras de 2018, e estabelecendo-se como uma característica marcante da política nacional desde então (BERNARDI, 2021).

Em 2018, com as eleições brasileiras entre o candidato Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), e Fernando Haddad (PT), o termo *fake news* passou a ser efetivamente reconhecido no Brasil devido ao grande número de notícias propagadas pelas redes sociais. Nesse período entende-se a grave ameaça da proliferação desse tipo de informação para a democracia nacional brasileira (MACHADO, 2021).

As principais *fakes news* que foram amplamente vinculadas nos meios de comunicação durante o período eleitoral e que geraram maiores comoções e engajamento eleitoral para Bolsonaro, foram as relacionadas ao “kit gay do Haddad”. Tais notícias falsas afirmavam que o candidato Fernando Haddad, enquanto exercia o cargo de Ministro da Educação nas gestões do PT, entre os anos de 2005 a 2012, teria criado e introduzido nas escolas da rede pública brasileira um material cujo objetivo em sala de aula era de doutrinação de gênero, visando sexualizar as crianças e induzi-las à homossexualidade (ALVES, 2021).

Na verdade, o chamado “Kit gay do Haddad” diz respeito ao nome pejorativo dado a um conjunto de materiais proposto em 2011 pelo Ministério da Educação, pensado por Fernando Haddad junto a outras ONGs nacionais e internacionais, cujo objetivo era combater a homofobia nas escolas públicas brasileiras, uma vez que a orientação sexual é um dos principais motivadores do bullying escolar. Esse kit anti-homofobia estava vinculado ao Programa Escola sem Homofobia, programa nacional que propunha o combate a homofobia em diversos âmbitos, inclusive nas escolas públicas do País. Entretanto, devido ao contexto de pressões conservadora realizadas por parlamentares de bancadas evangélicas da época que eram contra a iniciativa, a presidenta, Dilma Rousseff, vetou o material, que nunca sequer chegou a ser introduzido nas escolas (DIAS; COELHO; MARANHÃO, 2018).

O então candidato à presidência Jair Bolsonaro, recorre a uma estratégia semelhante à utilizado por Donald Trump em 2016 com a disseminação de *fake news* em massa, agora no contexto de guerras culturais brasileiras, para difamar a imagem de seu oponente, prejudicando assim sua possível elegibilidade e focando na eliminação daqueles que destoem de sua ideologia conservadora.

Tal guerra cultural bolsonarista, que faz alusão à norte americana, visa um aniquilamento daqueles que não compactuem com suas próprias crenças, representado na “esquerda” que precisa ser combatida a todo custo, sendo esse o objetivo proposto por Bolsonaro. É possível observar tal discurso no trecho:

(...) na véspera da vitória no segundo turno em 2018, o candidato Messias Bolsonaro elevou o tom, ou melhor, levou sua retórica à conclusão lógica: ‘Vamos varrer do mapa os bandidos vermelhos’. No dia 1º de setembro, na reta final da campanha, a ameaça já havia sido feita: ‘Vamos fuzilar a petralhada toda aqui do Acre’ (ROCHA, 2021, p. 116).

Diante do exposto, a guerra cultural bolsonarista pode ser caracterizada pela tentativa de eliminação de tudo que é diverso, contrapondo e estigmatizando a esquerda progressista brasileira, também identificada pela extrema direita como inimigos vermelhos, comunistas ou petistas, e assim impondo radicalmente sua própria perspectiva ideológica. Segundo Bianchini (2020) esse processo é de fato intencional, tratando-se de uma estratégia política de construção de identidade coletiva, onde um grupo se opõe hostilmente contra o outro.

É possível observar que, na tentativa de “vencer” a guerra cultural e eliminar tal diversidade, sob a justificativa de defesa da liberdade da nação, utiliza-se estratégias de *fake news* pautadas em negacionismo científico e teorias conspiratórias, que caracteriza grande

parte dos discursos bolsonaristas e fazem parte do sistema de estrutura de pós-verdade que a extrema direita aflorou mundialmente, ameaçando assim os regimes democráticos (ALVES, 2021).

## **A educação em contextos de pós verdade, fake news e guerras culturais**

Dentro de realidades extremamente polarizadas ideológica e politicamente, cenário típicos das guerras culturais, as instituições encarregadas de formar e informar acabam por perder sua credibilidade frente a população, o que pode levar os cidadãos a acreditar em notícias compartilhadas em grupos isolados nos quais se identifiquem e que reforcem suas ideias pré-concebidas sobre temas considerados relevantes do ponto de vista político social (BERNARDI, 2021).

Dessa forma, as concepções sobre tais temas são constantemente reafirmadas dentro do grupo, gerando um compartilhamento de ideias descoladas da realidade factual, que admitem a normatização de preconceitos e negacionismos científicos, colocando-se em posição de inimizade e hostilidade a aqueles que pensam de maneira diferente, e inclusive justificando diversos tipos de violência (BERNARDI, 2021).

No Brasil, promove-se práticas de cerceamento da liberdade e de tentativas de reescrita da história e da ciência dentro da realidade, atingindo sobretudo a educação e a realidade escolar. Alguns exemplos estão relacionados a ideia de que a terra é plana; a negação do aquecimento global, do holocausto, do genocídio negro, do sistema escravocrata e do racismo no Brasil e mesmo sobre a ditadura civil militar no Brasil entre outras ideias que negam teorias consolidadas pela comunidade científica (BRITO, MASSONI, GUIMARÃES, 2020).

Tal relativização de fatos está intimamente relacionada com o fenômeno da pós-verdade, que se configura por meio de um sistema de ideias compartilhadas, cujas crenças pessoais e emoções dos indivíduos superam os fatos, onde já não importa a verdade objetiva, e sim a “verdade” que agrada o sujeito. Como bem explica Almada (2021):

(...) ao se proporcionar aos indivíduos uma grande quantidade de informações, tantas quanto se possa imaginar, produziu-se assim um empoderamento nas pessoas para que se consuma dados sobre o que conflui com as suas individualidades. Essa tendência foi sendo gestada em paralelo com as diversas configurações sociais, produzindo-se um ambiente virtual marcado pelos individualismos dos sujeitos que o consomem, bem como pelos seus anseios e subjetividades. Pela necessidade de se satisfazer as individualidades de terceiros, sem se importar mais com o que é verdade ou não, nasceu assim a pós-verdade (ALMADA, 2021, p. 120).

O dicionário de Oxford, que todos os anos seleciona uma palavra que tenha levantado muita atenção durante aquele ano em questão, definiu em 2016 o termo pós-verdade como a palavra do ano, levado sobretudo pela repercussão das eleições norte-americanas que resultaram na vitória de Trump (CAMPOS; SILVA, 2018). Tal expressão surge para caracterizar a era atual, cuja quantidade de informações falsas que vem sendo disseminadas é tão grande que acaba por manipular as decisões dos indivíduos. Essas informações, por vezes, podem se apresentar sem autoria, em enorme quantidade e velocidade, e as pessoas que recebem, ainda que tenham consciência da falta de veracidade, continuam compartilhando, o que acaba transformando a inverdade em algo banal e naturalizado (ARAUJO, 2021).

Tais informações falsas são chamadas “*fake news*”, e sua disseminação na intenção de

promover conteúdos racistas, machistas, homofóbicos ou de quaisquer temas que constituem lugar de conflito político social, atinge significativamente os processos educacionais, podendo dificultar a aprendizagem dos componentes curriculares, e influenciar na constituição da sua identidade pois, de maneira geral, negam a ciência, o caráter reflexivo e de reconhecimento de fontes fidedignas para as afirmações (BERNARDI, 2021).

As *fake news* enquanto estratégia da extrema direita brasileira, principalmente a partir da vitória de Bolsonaro nas eleições de 2018, contribuíram para o contexto atual de desmonte e retrocesso da educação pública nacional, principalmente ao atacar os movimentos sociais e partidos de esquerda, ONGs, os sindicatos, a escola em toda a sua dimensão pública, democrática, gratuita e laica e até mesmo os professores, que por vezes são colocados como inimigos da família e acusados de doutrinação ideológica, Brandão; Cavalcanti; Dias; Farage e Ferreira (2020) esclarecem:

O ano de 2019 apresentou-se para o Brasil, na esfera da política educacional, como um ano de retrocessos, marcado pela tentativa de imposição de uma agenda educacional ultraconservadora e fundamentalista religiosa que se contrapõe aos princípios constitucionais da liberdade, da democracia e dos direitos sociais (BRANDÃO; CAVALCANTI; DIAS; FARAGE, FERREIRA, 2020, p.318).

Os ataques aos campos da educação, da ciência e da tecnologia e pesquisa sempre fizeram parte da agenda política bolsonarista, desde o início do seu governo, subjugando ao longo dos anos essas instituições ao fundamentalismo religioso e aplicando cortes orçamentários e vigorosas tentativas de desmonte dos sistemas de políticas de Estado, na tentativa de reduzir sua função social à de mera ordem técnica (BRANDÃO; CAVALCANTI; DIAS; FARAGE, FERREIRA, 2020).

A nova política do governo Bolsonaro trabalhou para disseminar uma ideia pejorativa das universidades federais nas redes sociais, por meio de fotos, vídeos e memes que as apresentassem como um ambiente de balburdia, drogas e promiscuidade, onde os jovens estavam sendo doutrinados para defender os interesses partidários da esquerda. Tais campanhas de notícias falsas associadas a declarações de autoridades, serviram para legitimar a retenção de recursos e intervenções, que se intensificaram ainda mais no período pandêmico como é exemplificado no trecho abaixo:

Durante a pandemia, os ataques se intensificaram com novos cortes orçamentários, nomeação de reitores pelo presidente e a aprovação de medida provisória que suspendia a consulta às 10 comunidades das instituições federais de ensino durante o período da emergência de saúde pública. A prioridade dos projetos de pesquisa e as regras para concessão de bolsas também sofrem alterações, procurando atender a métricas utilitarista e imediatista de retorno dos recursos investidos (AREN; GITAHÍ; VILLEN, 2020, p.10).

As narrativas fictícias e de ódio contra a universidade e pesquisa, ultrapassam os atos governamentais e impulsiona apoiadores de Bolsonaro a atacar professores, pesquisadores, cientistas, profissionais da saúde e reitores, que chegaram a ser hostilizados e ameaçados, inclusive de morte, dentro e fora das redes sociais virtuais. Devido a tais posições do governo, diversos profissionais essenciais para o fomento da ciência e academia brasileira pediram demissão e foram substituídas por indivíduos alinhados às convicções bolsonaristas (ARES; GITAHÍ; VILLEN, 2020).

No que se refere as principais propostas do Governo Bolsonaro para a educação, o Projeto Escola sem Partido e o *Homeschooling* se destacam como nítidas expressões da

intenção de criar uma formação tecnicista, neutra, sem conteúdos críticos, políticos e filosóficos e que não dão margem para a formação de alunos com análise crítica da realidade (BRANDÃO; CAVALCANTI; DIAS; FARAGE, FERREIRA, 2020).

De acordo com Brandão; Cavalcanti; Dias; Farage e Ferreira (2020) a “Escola sem Partido” se trata de um projeto de lei em consonância com o Movimento Escola sem Partido, que propunha modificações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, visando principalmente o combate a uma suposta “ideologia de gênero” e “doutrinação ideológica”. Em 2018, a frente parlamentar evangélica tornou pública um documento intitulado “Manifesto à Nação: O Brasil para os Brasileiros” no qual reivindicava uma escola sem ideologia e sem partido, que propunha como uma das principais tarefas “Libertar a educação pública do autoritarismo da ideologia de gênero, da ideologia da pornografia, e devolver às famílias o direito da educação sexual das suas crianças e adolescentes” (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2018, p. 54).

A tese principal do projeto Escola sem Partido é que a escola atualmente se configura como um espaço onde é doutrinado e propagado todo tipo de ideia comunista, de esquerda e de uma ideologia de gênero, bem como pornografia e perversões, e traz como consequência desse discurso descolado da realidade, a estigmatização dos professores e profissionais da educação, que foram desqualificados profissionalmente durante esse governo e transformados em inimigos da família e do Estado, em uma tentativa de retirar sua liberdade (BRANDÃO; CAVALCANTI; DIAS; FARAGE, FERREIRA, 2020).

O esforço de estabelecer uma dita “neutralidade” na educação pública, eliminando conteúdos críticos e que visam debater sobre questões raciais, de gênero e de classe, são uma clara tentativa da extrema direita bolsonarista de invisibilizar as relações sexistas, patriarcais, racistas e LGBTfóbicas que estruturam o capitalismo brasileiro (BRANDÃO; CAVALCANTI; DIAS; FARAGE, FERREIRA, 2020).

O *Homeschooling*, projeto de lei que dispõe o direito a educação domiciliar no Brasil, proposto no governo Bolsonaro pela pastora e Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, foi abraçado pelos mesmos parlamentares que defendem o projeto Escola sem Partido, com o discurso de também combater uma suposta doutrinação esquerdista no ambiente escolar, é sustentado por ideais neoconservadores que retiram o papel do Estado na oferta da educação e reafirmar o patriarcado na definição dos ideais da família (NEVES, TAFFAREL, 2019).

Com a mensagem de trazer a defesa à liberdade dos pais no ensino de seus filhos e combater a suposta doutrinação dos professores, o *Homeschooling* na verdade esconde os interesses de uma gama de empresas e grupos editoriais em torno desse mercado. No meio virtual é possível encontrar uma diversidade de empresas nacionais especializadas em materiais para o ensino domiciliar, que por sua vez possuem conteúdos de ordem religiosa para atender aos interesses desses grupos da extrema direita, e com isso, negam os conhecimentos científico, trazendo sérias consequências aos alunos, que são privados de conhecer diferentes visões de mundo, e assim formar sua própria consciência crítica. Neves e Taffarel (2019) explicam:

No ensino domiciliar as famílias, em sua grande maioria religiosas fundamentalistas cristãos, irá adotar ensinamentos utilizando dogmas fundamentalistas - o criacionismo, onde todos os seres teriam sido criados por uma divindade; sendo produto de um ato divino elas seriam perfeitas e sua atual estrutura era a mesma do ato da criação sem terem passado por nenhuma adaptação ou evolução. Essa visão de mundo priva as crianças e os jovens do direito de conhecer as diferentes concepções e formar seu próprio julgamento crítico e fazer suas escolhas. (NEVES, TAFFAREL, 2019, p. 324)

Dessa forma, Neves e Taffarel (2019) descrevem que a extrema direita que está atrelada aos grupos fundamentalistas religiosos, busca por meio do ensino domiciliar implantar um projeto obscurantista que retira do Estado a responsabilidade de garantir o direito à educação gratuita, democrática e laica, funcionando como mais um instrumento de privatização da educação que excita práticas neoliberais, bem como evita que os alunos tenham contato com a diversidade oferecida no ambiente escolar.

É possível observar que programas “Escola sem Partido” e “*Homeschooling*”, que se estabelecem enquanto uma das mais importantes propostas do governo Bolsonaro para a Educação, tem um grande fator ideológico comum: ambos pretendem eliminar a suposta doutrinação de esquerda que acontecem nas escolas e promover a ideologia conservadora da direita, na intenção de ditar todo o conteúdo que será lecionado na sala de aula, evitar as discussões que possam fomentar a análise crítica da realidade e assim controlar a formação dos jovens (BRANDÃO; CAVALCANTI; DIAS; FARAGE, FERREIRA, 2020).

Tais conjuntos de retrocessos do governo Bolsonaro, aliado as outras marcas da direita que já vinham sendo implementadas no Brasil, acabam intensificando ainda mais, sintomas muito graves no corpo educacional, como por exemplo a queda da qualidade da educação pública; o adoecimento físico e psíquico docente; a competição dentro das instituições de ensino superior e em seus departamentos; o aumento do assédio moral nas relações de trabalho; a perseguição política dos professores, que passaram a ser visto pela direita conservadora como inimigos e doutrinadores de esquerda; a legitimização do racismo institucional; a precarização da assistência estudantil; a depressão entre alunos e professores e o suicídio, sobretudo entre os alunos (BRANDÃO; CAVALCANTI; DIAS; FARAGE, FERREIRA, 2020).

Diante dessa realidade, é necessário pensar e debater de maneira ainda mais profunda os conceitos de pós verdade e *fake news* no contexto das guerras culturais, fomentar formas de trabalhar o pensamento crítico na educação, a fim de que o jovem possa ser potencializado para a melhor leitura da sua própria realidade, superando lógicas que pretendam apenas promover a eliminação de um grupo sobre o outro, mas que de outra forma, busquem compreender a importância de uma educação ética, crítica e comprometida com a verdade.

## Considerações finais

A análise dos conceitos *fake news*, pós verdade e guerras culturais durante esse pequeno recorte de tempo, permite avaliar algumas das diversas consequências desse fenômeno, ainda muito recente, não apenas ao cenário brasileiro, mas para todo o mundo. Dispondo sua disseminação possibilitada de maneira rápida e com baixos custos, graças as facilidades da internet e meios de comunicação virtuais, o fenômeno da *fake news* está intimamente ligado ao sistema de estrutura de pós-verdade, e configura-se sobretudo como uma estratégia na guerra cultural da extrema direita mundial.

No âmbito da educação, a realidade educacional brasileira, passa por um momento novo de muita angústia ao ser afligida por toda uma estrutura de poder que visa desmantela-la, e rescrever a história e a verdade, reforçando assim lógicas do capitalismo, do patriarcado, e do colonialismo, com o objetivo de beneficiar um grupo social hegemônico sob a égide da pós verdade, das *fake news* e fomentando as guerras culturais inclusive em contexto educacional.

A disseminação de conteúdos mentirosos que legitimam ações do governo bolsonarista como cortes orçamentários nas áreas da pesquisa, ciência e tecnologia, o sucateamento das universidades federais, a tentativa de implementação de projetos como o *Homeschooling* e o

Escola Sem Partido, a estigmatização dos professores e profissionais da educação, são alguns dos esforços para assegurar a uniformidade e prevalência do discurso ideológico unilateral da extrema direita.

É possível observar que, se tratando de um objeto de estudo ainda recente no Brasil, há muito para se contribuir e desenvolver sobre estudos voltados para esse tema, que ainda carece de explicações, sobretudo publicações que o trabalhem de maneira mais profunda a partir de uma perspectiva da educação, com o propósito de encontrar alternativas para esse problema que tem causados consequências sociais tão violentas.

## Referências

ALMADA, Antonio Edson Ribeiro. A era da pós-verdade no cenário político contemporâneo. **Internet&Sociedade**. V. 2, n. 1. Jul, 2021. P. 116- 134 Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/a-era-da-pos-verdade-no-cenario-politico-contemporaneo>> Acesso: 09 dez 2022.

ALVES, Alison Sullivan de Sousa. **Do negacionismo da extrema direita brasileira em discursos sobre a ditadura militar no Brasil (1964-1985) à constituição de uma proposta arquegenealógica para o ensino de história**. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semiárido. Orientador: Dr. Francisco Vieira da Silva. Mossoró. Rio Grande do Norte, 2021.

ARAÚJO, C. A. V. Pós-verdade: novo objeto de estudo para a ciência da informação. **Informação & Informação**, v. 26, n. 1, p. 94-111, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/158349>>. Acesso em: 18 dez 2022.

ARES, Graziela; GITAHY, Leda Maria Caira; VILLEN, Gabriela. **Ciência, Política e a Pandemia**. Conference: VI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Antropología Social (ALA) - Eje 17: "Giro a la derecha y nuevos desafíos para la antropología". 2020.

BERNARDI, Ana Julia Bonzanini. **Educação Crítica Midiática: Formação para Cidadania de Jovens no Contexto de Pós-Verdade e Fake News**. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021.

BIANCHINI, Gustavo. Notícias Falsas Como Artifício De Difamação: *Fake News* De Temas Sexuais Como Estratégia Conservadora No Contexto Das Guerras Culturais. **Revista do EDICC**, v. 7, out. 2021.

BLOOM, Allan. **O declínio da cultura ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade**. Trad. João Alves dos Santos. São Paulo: Best Sellers, 1989.

BLOOM, Allan. **O Fechamento da Mente Americana: Como a Educação Superior Americana Falhou com a Democracia e Empobreceu as Almas do Estudantes de Hoje**. São Paulo: Best Sellers, 1987.

BRANDÃO, Selma Maria Silva de Oliveira; CAVALCANTI, Cacilda Rodrigues; DIAS, Raquel; FARAGE, Eblin; FERREIRA, Franklin Douglas. Educação e cultura na luta por emancipação da humanidade: ataques e resistências no governo Bolsonaro. **Revista de Políticas Públicas**. vol. 24, 2020, p. 312-330. Disponível em:<<https://www.redalyc.org/journal/3211/321165167018/321165167018.pdf>>. Acesso: 20 dez 2022.

BRITO, Alan Alves; GUIMARÃES, Ricardo Rangel, MASSONI, Neusa Teresinha.

**Subjetividades da comunicação científica: a educação e a divulgação científicas no Brasil têm sido estremecidas em tempos de pós-verdade?** - Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 37, n. 3, p. 1598-1627, dez. 2020.

CAMPOS, Marcella Machado de; SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e. A retórica da pós-verdade. **Letrônica**. Porto Alegre, v. 11, n. esp. (supl. 1), 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/30589/17311>> Acesso: 20 Dez. 2022.

CARDOSO, Ivelise de Almeida. **Propagação e influência de pós-verdade e fake news na opinião pública**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola De Comunicação e Artes – ECA, Universidade de São Paulo – USP. Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto de Farias. São Paulo, 2019.

CASTRO ROCHA, João Cezar de. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Caminhos, 2021.

DIAS, Tainah Biela; COELHO, Fernanda Marina Feitosa; MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. “Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional”. **Revista Eletrônica Correlatio**. v. 17, n. 2, 2018. Disponível: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/9299/6568>> Acesso: 20 Dez. 2022.

FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA. **Manifesto à Nação: O Brasil para os brasileiros**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2018/10/Manifesto-a-Nacao-frente-evangelicaoutubro2018.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

GALLEGO, Esther Solano; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. “Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações de apoio a Lava Jato e conta a reforma da previdência. **Em Debate**. v. 10, p. 34, 2017. Disponível em: <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7.pdf>. Acesso: 20 Dez 2022.

HUNTER, James Davidson. **Culture Wars: The Struggle to Define America**. New York: BasicBooks, 1991.

LAVARDA, Suélen de Lima. SANCHOTENE, Carlos; SILVEIRAS, Ada C. Machado da; Quando as Notícias mais Compartilhadas são Falsas: a Circulação de Boatos durante a Semana do Impeachment no Facebook. **Comunicação & Informação**. Goiânia, GO, v. 20, n. 3, p. 99-112, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/view/46950/24944>>. Acesso: 20 dez 2022.

LIU, Huan; SHU, Kai; SLIVA, Amy; TANG, Jiliang; WANG, Suhang. *Fake News Detection on Social Media: A Data Mining Perspective*. **ArXiv**, v. 1, 3 set. 2017. Disponível em: <<http://arxiv.org/abs/1708.01967>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

MACHADO, Livian Aparecida Corsi. **Fake news: as juventudes e os novos modos de ler nas redes sociais**. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação Humana) Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021.

MELO, Cristina Teixeira de; VAZ, Paulo. Guerras Culturais: Conceito e Trajetória. **Revista ECO-Pós**. v. 24, n. 2, 2021.

NEVES, Márcia Luzia Cardoso; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. Tendências da educação frente à correlação de forças na luta de classes: uma análise do governo Bolsonaro na perspectiva educacional. **Estudos IAT**. Salvador, v.4, n.2, p. 310-329, 2019. Disponível em: <<http://estudiosiat.sec.ba.gov.br/index.php/estudiosiat/article/viewFile/153/201>> Acesso: 20 dez 2022.

SILVA, Cris Guimarães Cirino da. **O Bolsonarismo da esfera pública: Uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas**

falas de Bolsonaro. Orientador: Leonard Christy Souza Costa. 2020. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Línguas e Literatura Portuguesa, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus – AM, 2020.